

“Mãããe, terminei!!! Vem me limpar!”: a situação da docência em tempos de pandemia

Camila Dalvi Venturim - Professora de Sociologia na Rede Estadual do ES e aluna do mestrado profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) (camila_dalvi@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

Era a primeira reunião na web de professores e, enquanto alguns docentes ainda entravam na sala de reunião e cumprimentavam-se, foi esse grito que o microfone de uma das professoras capturou: “Mãããe, terminei!!! Vem me limpar!”. Obviamente todos caíram na gargalhada e a professor pediu licença, enquanto se levantava e ia atender sua filha.

Esse acontecimento serve para ilustrar algumas das especificidades que os professores têm encontrado diante da necessidade de trabalhar de casa. A vida pessoal e profissional estão, nesse momento, mais imbricadas do que nunca. Isso é potencializado quando se pensa o trabalho das professoras já que carregam consigo a condição de mulher e, por isso, tem uma sobrecarga ainda maior. A diluição de fronteiras entre o trabalho docente e a casa sempre foi uma realidade da professora, principalmente daquela que atua no meio rural (CAPELO, 2008; NEVES, 2008). Neste sentido, o mundo privado da casa e o mundo público da profissão docente são representados de forma inseparável: prepara-se uma atividade e tem criança correndo pela casa, o(a) parceiro(a) pede atenção, há de fazer com urgência uma lista de compras de supermercado ou as demais tarefas domésticas. De modo similar, professores têm sido surpreendidos com uma invasão de suas privacidades, seja pela necessidade de uso do celular pessoal para ligar para estudante, seja pelo agendamento de reuniões fora do local e horário de trabalho ou, ainda, pela invasão, à qualquer hora, de suas redes sociais por estudantes afoitos buscando respostas sobre retorno das aulas, entrega de atividades, etc. Desta maneira, o tempo particular mistura-se com o tempo dedicado ao trabalho docente, também em *lives* em quantidade interminável e outras atividades burocráticas demandadas pelas Secretarias Estaduais de Educação.

Esse texto nasceu por causa da pandemia do Covid-19, que tomou de assalto o mundo e chegou ao Brasil em meados de março corrente, trazendo algumas mudanças na forma de o professor da escola básica trabalhar.

METODOLOGIA

Para desenvolver esse trabalho utilizou-se uma pesquisa exploratória (GIL, 2012) que tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, diagnosticando desafios do trabalho docente sobretudo na pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a chegada da pandemia, em março de 2020 as escolas foram fechadas e o Ministério da Educação (MEC) limitou-se a estabelecer normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior (Medida Provisória no.º 934, de 1º de abril de 2020), que se resumiram a dispensar a obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar. “Um país que não cuida seriamente da educação de suas crianças e jovens, propiciando às novas gerações uma formação adequada, está cassando o próprio futuro” (SAVIANI, 2013). O MEC não foi capaz de criar diretrizes educacionais para manter o sistema em funcionamento em regime de ensino a distância, e, deste modo, à deriva, cada Estado brasileiro entrou em um regime próprio. Em outros termos, diante da omissão do governo federal, cada Secretaria Estadual de Educação tomou as medidas que seus administradores quiseram e/ou puderam para lidar com o momento inesperado.

Essas medidas passaram pelo adiantamento do período de férias e a indicação do uso de ambientes virtuais de aprendizagem, como o Google sala de aula. Alguns estados firmaram parceria entre si, como é o caso do ES e Amazonas, e disponibilizaram material pronto, pelo Youtube ou por canais de TV aberta¹, além de decretarem um cronograma aos professores², orientados a preparar atividades remotas de acordo com o conteúdo das videoaulas.

Tão logo os estados adotam estratégias de ensino através das tecnologias, os professores iniciaram uma “corrida contra o tempo” na busca de soluções. A pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da

¹ No caso do ES, a programação é ofertada pelos canais 8.2, 8.3 e 8.4. Além de reprises semanais, os 6º e 7º anos regulares e 5ª e 6ª etapas da EJA têm aulas de manhã; os 8º e 9º anos regulares e 7ª e 8ª Etapas da EJA, à tarde; e ensino médio (regular e EJA) à noite.

² Ver imagem abaixo

Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG) (2020) com 15654 professores da rede pública da educação básica de todo o país mostrou que apenas 28,9% dos respondentes possuíam facilidade com o uso da tecnologia. Até porque, as ferramentas do trabalho remoto foram, para muitos, uma novidade e desafio já que são pouco comuns no trabalho presencial. Apesar de muitos não terem formação suficiente (além de aparelhos e conexão) para essa nova realidade e serem, em parte, analfabetos digitais, aquecem o mercado de eletrônicos na busca dessas novas ferramentas. Lojistas registram aumento de vendas de fones, mouses, cadeiras de escritório, equipamentos de iluminação, quadros brancos etc. Algumas escolas ofereceram, por conta própria, oficinas aos seus professores para que, minimamente, aprendessem a manipular as ferramentas da plataforma. O Estado do ES também passou a oferecer essas formações através de *lives* no YouTube. O caráter coletivo da docência (NÓVOA, 1992) aparece também na medida em que, professores que tinham algum domínio dessas ferramentas passam a auxiliar seus pares ou ainda em ações como o Programa IdeAção³, que tem, na visão da SEDU, “a premissa de ser mais uma ação da rede para a rede” (<https://sedu.es.gov.br/Not%C3%ADcia/abertas-inscricoes-para-selecao-de-videoaulas-produzidas-por-profissionais-do-magisterio>)⁴.

É possível encontrar barreiras não somente nas questões de infraestrutura das escolas, mas também nas condições sociais e de saúde de toda a comunidade escolar. Com a determinação de aulas remotas “descobriu-se” professores, estudantes e pais que não tinham celulares competentes com a função, ou memória para baixar aplicativos, ou ainda, pais com mais de um filho de idades e séries diferentes que teriam que disputar aparelhos e canais de TV uma vez que, por exemplo, enquanto um canal exhibe Geografia para o 1ª série do Ensino Médio, outro exhibe Geografia para 3ª série do Ensino Médio. Em muitas cidades do interior, também na zona rural, muitos desses canais estão indisponíveis, não há rede de telefonia móvel e/ou internet.

³ “O IdeAção criado pela Portaria nº 051-R, publicada no Diário Oficial em 17 de abril de 2020, é um programa de incentivo à divulgação de metodologias inovadoras, projetos pedagógicos e de objetos digitais educacionais produzidos por profissionais do magistério público estadual(…)” (Diário Oficial Do ES, Edição de 27 de abril de 2020, p. 9. Disponível em: <https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/EDITAL%2012.2020.pdf>)

⁴ Na última semana de junho, a Sedu passa a oferecer videoaulas com professores da própria rede intercalados com as videoaulas do Estado do Amazonas.

CRONOGRAMA DE EXIBIÇÃO - 9ª SEMANA (08/06 A 12/06)						
esco			Programação Canal 8.2			
Transmissão do dia: SEGUNDA-FEIRA - 08/06						
Turno	Série	Aula	Código	Componente	Conteúdo	Link
Manhã	EF 6º ANO	1º	6.1	L. Portuguesa	Classificação das palavras quanto ao número de sílabas. Dissílaba, trissílaba e polissílaba.	Clique para abrir
		2º	8.1	Arte	Origem e desenvolvimento do Teatro no Brasil.	Clique para abrir
		3º	5.2	Ens. Religioso	Revisão e avaliação (Revisão da unidade III).	Clique para abrir
	EJA 5ª ETAPA 2º SEG	4º	6.1	L. Portuguesa	Classificação das palavras quanto ao número de sílabas. Dissílaba, trissílaba e polissílaba.	Clique para abrir
		5º	8.1	Arte	Origem e desenvolvimento do Teatro no Brasil.	Clique para abrir
		6º	5.2	Ens. Religioso	Revisão e avaliação (Revisão da unidade III).	Clique para abrir
Turno	Série	Aula	Código	Componente	Conteúdo	Link
		1º	5.1	L. Portuguesa	Acentuação gráfica. Oxítonas	Clique para

Figura 1: Programação de transmissão do canal 8.2 no turno matutino do dia 08/06. Fonte: <https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/apresentacao-digital-tabela%20semana%209-2.pdf> > Acesso em 18/06/2020 às 20:40h

“É impossível ignorar o impacto da revolução digital, bem como a necessidade de diferenciar os percursos dos alunos, mas isso não implica que a escola abdique de ser um lugar de construção do comum” (NOVOA, 2019. p. 4). A escola deve, portanto, ser um lugar que valorize nossa pertença a uma mesma humanidade, que embora diversa (culturalmente), não deve ser desigual. Na prática, muitas vezes ela reforça desigualdades ao invés de ser um caminho para superá-las. Com uma realidade de tamanha pobreza, muitos alunos estão aproveitando a quarentena para trabalhar no horário que iriam à escola; usam “táticas” de sobrevivência (CERTEAU, 1994). Normalmente é um trabalho informal (a precariedade é um marco dessas relações de trabalho), mas diante da recessão da economia, da perda de rendimentos de muitas famílias, qualquer dinheiro é bem-vindo. Mesmo que isso custe o ano letivo desse jovem.

CONCLUSÃO

A escola, que muitas vezes é a única presença do Estado na vida desses jovens, aparece como em entrave ao invés de uma possibilidade para sua emancipação financeira. Nós, professores, enquanto pessoas, estamos preocupados com a nossa sobrevivência e de nossa família a esse vírus. Enquanto profissionais da educação, estamos preocupados com o processo de ensino e aprendizagem. Há um sentimento geral de frustração pela falta também de contato presencial com os estudantes. Sabe-se que as escolas públicas

têm realidades muito diferentes. Assim, alguns alunos estão aproveitando a quarentena para trabalhar e conseguir alguma renda para contribuir nas despesas da casa; dessa forma, não conseguem ver sentido em tirar esse tempo para estudar. Sobreviver é o que importa. E essa é uma demanda super legítima.

Diante desse cenário, devemos considerar que ensinar é mais que transmitir e se fazer aprender saberes. Ensinar é um processo em que por meio dos saberes, o professor-sujeito singular - humaniza, socializa e ajuda um outro sujeito singular a acontecer (CHARLOT, 2005). Tardif afirma que “o valor social, cultural e epistemológico dos saberes reside em sua capacidade de renovação constante” (TARDIF, 2012, p.34). Sem o contato real com nossos alunos, tanto pela distância física quanto pela distância social (causada pela ausência de tecnologias para uns, comprometimento para outros e ainda visão da educação como prioridade para outros), nós não conseguimos potencializar formas desse “sujeito singular acontecer” e nós como também sujeitos singulares que somos sentimo-nos incapazes de desempenhar com excelência nosso trabalho. Fica aqui o desabafo, mas agora preciso ir: “*Camiiiiila, me ajuda aqui! Apertei um botão e as fotos sumiram.*” (Minha mãe, Quarentena, 2020).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Medida Provisória nº 934**, de 1º de abril de 2020. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/medpro/2020/medidaprovisoria-934-1-abril-2020-789920-publicacaooriginal-160236-pe.html> Acesso em 24/08/2020.
- CAPELO, Maria Regina Clivati. **Quando a diversidade cultural se transforma em desigualdade social: primeiras aproximações**. Mimeo. Londrina, 2008.
- CERTAU, M. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARLOT, Bernard. **Formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: ARTMED, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- NEVES, Eloísa Dias. **Entre o “quintal”, a “casa” e a “rua”, o ofício docente em contexto rural: um estudo de caso**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- _____. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684910>
- OLIVEIRA, Dalila Andrade (Org). **Trabalho docente em tempos de pandemia**. Relatório técnico GESTRADO/UFMG, 2020.
- SAVIANI, Dermeval. **Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no brasil: abordagem histórica e situação atual**. Campinas, v. 34, n. 124, p. 743-760, jul.-set. 2013. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 14ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.